

16.5.12000
REP. 08

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 104

Col. 2

Resposta dos marinheiros britânicos

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



Resposta dos marinheiros britânicos

Sistema descarado de assassinato

O que segue é o texto da «Resposta da Corporação de Marinheiros da Marinha Mercante Britânica dada á declaração publicada pelas Corporações dos Marinheiros Alemães sobre as causas e os fitos da guerra submarina alemã»:

1. Os marinheiros alemães recusam-se significativamente a discutir a questão da responsabilidade pela guerra e passam então a afirmar que as causas se encontram principalmente, segundo a opinião dos alemães, no campo económico.

Em resposta a isto pode-se dizer que o acontecimento que motivou a crise de que resultou a guerra foi a exigência injustificável feita á Servia pela Austria — com a cumplicidade da Alemanha — pelo ultimatum austriaco cuja aceitação teria sido a perda por parte da Servia da sua soberania e independência. E' possível que razões de economia levassem as Potencias Centrais a dar este passo, porém, quaisquer que fossem as razões, elas não podiam justificar o

facto de terem pensadamente provocado uma crise a qual, como sabiam e provavelmente esperavam, havia de resultar numa guerra mundial. Para essa guerra, como provam os acontecimentos militares dos primeiros mezes da luta, as Potencias Centrais se tinham durante longos anos paciente e amplamente preparado. Não se pode, por outro lado, acusar a Gran Bretanha nem os seus Aliados de ter participado na guerra por razões economicas. Durante a crise que precedeu a guerra, a Gran Bretanha envidou todos os seus esforços para evitar a conflagração ou pelo menos para a localisar. Falharam os seus esforços porque do lado das Potencias Centrais faltava a boa vontade. Quasi até á ultima, o Governo Britanico recusou comprometer-se a dar auxilio á França; foi a violação da neutralidade belga que determinou finalmente a sua participação na guerra — a violação dum tratado que a propria Alemanha tinha jurado respeitar. Os membros alemães reconheceram quando começaram as hostilidades, o mal que praticavam invadindo a Belgica, ainda que ultimamente teem procurado justificar esse acto. Convem não esquecer que o Chanceler alemão, falando no Reichstag em 4 de agosto de 1914, referindo-se á violação da neutralidade da Belgica e do Luxemburgo, disse: — «A injustiça — falo sem ambages — a injustiça que dessa forma cometemos, procuraremos reivindicar logo que se tenha atingido os nossos fitos militares.»

2. Sustentam os marinheiros alemães que, ao romper a guerra, a Alemanha punha ás suas

esperanças na lealdade com que todos os beligerantes respeitariam os direitos marítimos e internacionais.

Como rezam os factos? Desde o começo de hostilidades a Alemanha recorreu sem escrúpulos á pratica de semear minas nas derrotas comerciais em desprezo de todas as regras da Lei Internacional, pondo em perigo tanto os neutrais como os beligerantes. Este desprezo por parte da Alemanha não só da Lei Internacional do mar, porém dos mais elementares dictames da humanidade, tem-o mantido durante a guerra, tanto em terra como no mar. Bastará citar como exemplos, o saque de Louvain e o torpedeamento do *Lusitania* e doutros muitos navios de passageiros; o envenenamento de peços; as deportações dos belgas; o assassinio de Miss Cavell e do capitão Fryatt; o torpedeamento de navios hospitalis e os inumeros casos em que os comandantes dos submarinos alemães teem propositadamente atirado sobre os tripulantes dos navios mercantes quando se refugiavam nos escaletes.

3. Porém o ponto principal que apresentam os marinheiros alemães é que o bloqueio dos portos alemães pela Gran Bretanha justifica, como medida de represalia, a guerra submarina.

Afirmam os alemães que é ilícito privar de abastecimentos o paiz do inimigo.

E' extravagante este raciocinio, pois desde o inicio do bloqueio por submarinos, um dos fitos confessados era o de privar a Gran Bretanha de todo e qualquer provisionamento. E mais, na

guerra de 1870 não foi pela fome que a Alemanha reduziu não só a guarnição mas a população de Paris? Os próprios estadistas alemães teem em varias ocasiões estabelecido como regra o principio, que é tão natural e legitimo privar de alimento a população civil dum paiz como medida de pressão, como é reduzir pela fome uma cidade assediada. Esta opinião tem o apoio do principe Bismarck e do conde Caprivi.

Está provado portanto que o bloq̄ueio britânico não vai nem contra a Lei Internacional nem contra as opiniões dos estadistas alemães. Mas pondo isto de parte, não podem os alemães justificar como medida de represalia contra a Gran Bretanha a guerra submarina pois que ela foi introduzida antes de se promulgar a Ordem de Conselho de 11 de março de 1915, a qual estabeleceu o bloq̄ueio á Alemanha.

Bastará para destruir esse pretexto, a lista de incidentes que segue na sua ordem cronologica:

Setembro, 1914. — O barco holandez *Maria*, vindo da California para Dublin e Belfast, com cereais para as populações civis, foi afundado pelo cruzador alemão *Karlsruhe*.

Outubro, 26, 1914. — O *Amiral Ganteaume*, trazendo a bordo 2.000 refugiados sem armas, foi metido a pique por um submarino alemão.

Dezembro, 1914. — O almirante Tirpitz deu a entender que se adoptaria uma campanha submarina.

Janeiro, 27, 1915. — O barco americano *William B. Frie*, vindo de Seattle para Queenstown,

carregado de trigo, foi afundado pelo cruzador auxiliar alemão *Kronprinz Wilhelm*.

Fevereiro, 4, 1915. — O governo alemão declarou a sua resolução de instituir o bloqueio geral submarino da Gran Bretanha e da Irlanda com o fim de privar de mantimentos essas ilhas. Esse bloqueio entrou em vigor oficialmente no dia 18 de fevereiro de 1915, porém existe o facto de ter sido afundado por submarino alemão um navio mercante já nos fins de janeiro.

Foi só em 11 de março de 1915 que a Gran Bretanha poz em pratica as medidas actuais contra o commercio alemão.

Vê-se portanto que foi antes destas medidas entrarem em vigor, que a Alemanha destruiu cargas de generos alimenticios destinados á população civil deste paiz; que declarou a sua resolução de instituir um sistema de crimes submarinos, e ter já afundado sem aviso varios navios mercantes. E contudo quer agora justificar o seu bloqueio submarino como medida de represalia!

4. Os marinheiros alemães procuram provar que a guerra submarina intensificada foi em consequencia da recusa dos Aliados nos fins de 1916 de aceitar as chamadas propostas de paz, e que foi só quando os Aliados deram o verdadeiro valor ás tais propostas como sendo uma tentativa de lhes atribuir a responsabilidade pela guerra, que a Alemanha, bem contra vontade, impoz a guerra submarina sem restrições.

Como resposta a isto, basta referir o que disse o Chanceler alemão no Reichstag ao anun-

ciar a decisão tomada sobre a guerra submarina intensificada. Disse que no momento em que ele de acordo com o Supremo Conselho Militar estivesse convencido que uma guerra submarina sem piedade oferecia meio de aproximar a Alemanha duma paz vitoriosa, essa guerra submarina seria um facto. E continuou:

«Chegou esse momento. No outono de 1916 a ocasião não era propicia; porém hoje, quando ha toda a probabilidade de feliz exito, pode-se pôr em pratica essa empreza. Não convem esperar mais tempo. Como se modificaram então as circunstancias? Em primeiro logar e este é o ponto mais importante, o numero dos nossos submarinos aumentou consideravelmente comparado com os que possuíamos nos primeiros mezes do ano passado. Temos portanto uma base firme sobre a qual podemos operar com vantagens.»

Não estará nestas palavras uma prova irrefutavel que não foi por escrupulos nem por respeito pela Lei Internacional ou pelos direitos da neutralidade que a Alemanha deixou de adoptar muito mais cedo a guerra submarina sem restrições, mas simplesmente pela falta dos meios de a levar a efeito?

Uma outra razão apresentada pelos alemães como justificação da guerra submarina sem restrições, é que a Gran Bretanha se recusou a con-

ceder á Alemanha a «Liberdade dos Mares». Apparentemente a concepção da guerra afagada pela Alemanha é que ella pode livremente exercer toda a sua força terrestre, porém que os Aliados não devem exercer a sua força marítima, a qual, contudo, nunca se deixou de empregar com benevolencia e respeito para com os neutrais — contraste frisante com os metodos alemães.

Finalmente, os marinheiros alemães affirmam que a Alemanha tem tratado com mais consideração os paizes neutrais do que os Aliados, que tem posto menos impecilhos ao seu negocio e que não pede outra coisa a não ser que os neutrais a tratem com justiça e respeitem as suas medidas do mesmo modo por que respeitam as medidas britannicas. Em resposta a isto perguntamos quantas vidas de povos neutrais teem a Alemanha sacrificado no mar e quantas ha por conta dos Aliados? A resposta á primeira pergunta indica um desprezo aterrador de vidas innocentes por parte dos alemães, emquanto que não consta que haja uma só vida de cidadão neutral perdida no mar devido ás forças armadas dos governos aliados.

No que diz respeito ás restrições impostas ao commercio neutral, a Gran Bretanha só pede que os paizes neutrais não sirvam de bases de abastecimento para o inimigo, pedido não só natural mas em accordo com o pensamento da Lei Internacional. Os paizes neutrais teem recebido livremente os fornecimentos necessarios para o seu consumo domestico. Não ha duvida que, como compensação de receber carvão bri-

tanico, o governo da Gran Bretanha exige dos navios neutrais a observação de certas condições; porém como o carvão é propriedade da Gran Bretanha e que ela não tem obrigação de fornecer essa comodidade tão necessaria para ela como para os Aliados, está claro que tem todo o direito de exigir uma compensação aos povos a quem ela fornece esse produto.

Por outro lado, os alemães impuzeram uma restrição de todo o ponto injustificada ao commercio neutral, annunciando uma zona de perigo na qual todo e qualquer navio é afundado sem aviso, quer o seu commercio seja com o inimigo quer seja puramente neutral. Por exemplo, o *Bloemersdyke*, navio neutral levando uma carga neutral para paiz neutral, foi afundado pelos alemães, assim como varios navios que levavam socorros á Belgica e que eles destruíram não obstante todos os seus compromissos. Entre a zona de perigo da Alemanha e o bloqueio feito pela Gran Bretanha, existe esta grande diferença: Este ultimo é o emprego justificado da força maritima, obtida pelo dominio do mar, e é posto em pratica com o devido respeito pelas vidas e pela propriedade neutrais. Os neutrais teem a faculdade de protestar contra qualquer acto perante o Tribunal de Presas. A medida alemã, bem ao contrario, não passa duma declaração arbitraria duma zona perigosa que abrange uma extensão do mar onde a Alemanha não exerce dominio, é uma zona onde ela afirma ser permitido que os seus submarinos assassinem á vontade. Não ha respeito nem pelas vidas nem

pela propriedade neutral. A verdade é que os alemães esperam, por este sistema descarado de assassinato, obrigar a navegação neutral a abandonar o trafico que o poder maritimo da Alemanha, exercendo-se de modo legitimo, não pode impedir. Os alemães podem procurar justificar os seus actos, porem já está formado o juizo do mundo e as nações, uma após outra, veem juntar-se aos adversarios da Alemanha para lutar ao lado dos povos livres contra o despotismo militar que é o inimigo reconhecido da democracia e da liberdade.

Chas. P. Hopkins.

As ultimas atrocidades dos alemães

A razão pela qual os marinheiros britanicos recusam discutir condições de paz com a Alemanha

VINGANÇA DOS ESPIRITOS MALIGNOS DO MAR

*Trinta e oito marinheiros assassinados pelos boches
Crime a sangue frio*

Tornou-se publico ha pouco um crime cuja crueldade diabolica não tem paralelo nem mesmo nas peores fases da guerra submarina alemã — esse crime foi o dar a morte a sangue frio a 38 tripulantes do barco *Belgian Prince*.

A idéa evidente dos boches era que não so-

brevivesse ninguém para contar este crime nefando. Porém houve tres sobreviventes, os quais após sofrimentos inauditos, foram recolhidos por um barco patrulha e alcançaram o porto.

Thomas Bowman, primeiro engenheiro, natural do Tyne, que já por dez vezes tem estado prestes a afogar-se, porém que nunca esteve tão proximo da morte como desta vez, dá a seguinte narração do sucedido :

«A's 8 horas da noite de terça-feira, estando o navio a 200 milhas ao largo, vi da ponte de ré a esteira dum torpedo que se aproximava. Cambaleei com o choque e atingido por um pedaço dos destroços, caí na ponte. O navio inclinou-se para o lado e nós refugiámo-nos nos escaleres.

O submarino aproximando-se, inutilisou o T. S. F. a tiro de granada. Recebemos ordem de abordarmos o submarino e o capitão foi chamado para bordo e desapareceu no interior. Os outros — eram 41 — formaram-se em linha no convez do submarino. A todos, á excepção de oito, tiraram os salva-vidas e privaram-nos a todos das roupas de agasalho. A tripulação do submarino desceu então para o interior do barco, fechando as escotilhas, e nós ficámos na cobertura. Os marinheiros alemães tinham levado dos escaleres tudo quanto lhes poderia ser util e em seguida despedaçaram-os á machadada. O submarino andou á tona d'agua umas duas milhas. De repente ouvi um sussurro e um grito : «Alerta! Está-se submergindo!» E saltei ao mar.

Fluctuando no meio de cadaveres

Muitos dos meus companheiros se afundaram com o submarino; outros nadaram. Eu tinha conservado o meu salva-vidas. Perto de mim um aprendiz de 16 anos pedia socorro. Aproximei-me dele e sustive-o até perto da meia noite quando ele perdeu os sentidos e pouco depois morreu nos meus braços de inanição. Tirei-lhe o salva-vidas e esperei que amanhecesse. Vi então que o *Belgian Prince* fluctuava ainda e nadei nessa direcção por entre cadaveres; alguns traziam salva-vidas. Achava-me já proximo do navio quando houve um estampido e o *Belgian Prince* sossobrou. Mantive-me durante mais de uma hora a boiar e então veio um escaler que me recolheu já na ultima fase de enfraquecimento, tendo passado onze horas dentro de agua.»

Outro sobrevivente, G. Sileski, de Odessa, marinheiro, contou que o que lhe tinha sucedido foi quasi identico, a não ser que ele atingiu o navio antes de se dar a explosão e achava-se a bordo quando os alemães ali entraram para roubar. Espreitou-os dum esconderijo e quando os viu aproximar-se dele, atirou-se ao mar. Agarrado a uns destroços, conseguiu fluctuar até vir um barco de socorros. Confirma a declaração do primeiro engenheiro de que o fito evidente do comandante do submarino era dar a morte a toda a tripulação do navio.

O terceiro sobrevivente, segundo cozinheiro, acha-se no hospital, impossibilitado de dar o seu testemunho devido ao seu estado melindroso.

Os tubarões devoram as vítimas do submarino alemão

Os boches gosam do espectáculo

Reuter conta que na ocasião de ser torpedeado em 15 de janeiro o vapor *Mariston*, de 2:908 toneladas, pertencente ao porto de Glasgow, o cozinheiro acordou com a primeira explosão, agarrou numa tampa de escotilha e saltou ao mar. Quando se afundou o *Mariston*, contou o cozinheiro 17 naufragos que se agarravam a varios destroços do navio.

Nesse momento emergiu o submarino no meio das suas vítimas que lutavam com a morte. O comandante do submarino observou-os pelo binoculo durante bastante tempo, sem prestar atenção ás suas suplicas. De repente um dos infelizes soltou um grito agudo e desapareceu, e instantes depois outro desapareceu da mesma forma. A lugubre cena fôra agravada pela chegada dum bando de tubarões. Um após outro, todos esses valentes rapazes tiveram morte horrorosa.

Parece que até o comandante do submarino se impressionou, pois retirou-se do convez e pouco depois o submarino afundou. Só 15 horas mais tarde o unico sobrevivente do *Mariston* foi recolhido por um vapor britânico.

Fazem-se descargas aos sobreviventes nos escaleres

A Conferencia Internacional de Marinheiros Mercantes que se reuniu no Hotel Anderton, Londres, em 17 de agosto de 1917, apresentou a seguinte lista de casos bem autenticados em que os submarinos inimigos atiraram sobre os sobreviventes dos seus ataques que se tinham refugiado nos escaleres dos seus navios:

1) O *Kildare*, vapor britânico. Afundado por submarino em 12 de abril de 1917. Enquanto os escaleres se afastavam do navio caíram granadas sobre os naufragos e em seguida apareceu um submarino á tona de agua. Atirou de dez a quinze granadas, matando um dos marinheiros.

2) O *John W. Pearn*, vapor britânico. Afundado por submarino em 1 de maio de 1917. O submarino atirou por duas vezes ao escaler que se afastava.

3) O *Vulcana*, vapor britânico. Afundado por submarino em 7 de março de 1917. Depois de descido virou-se o escaler devido ao muito mar e foi preciso pô-lo a nado. Durante todo o tempo desta manobra, o submarino não cessou de fazer fogo.

4) O *Belgian Prince*, vapor britânico. Afundado por submarino em 31 de julho de 1917. Neste caso os escaleres não foram alvo de tiros porém foram despedaçados e os sobreviventes que estavam no convez do submarino foram privados dos seus salva-vidas e arremessados ao mar quando o submarino, submergindo-se, os abandonou a uma morte certa.

5) O *Westminster*, vapor britânico. Afundado por submarino em 14 de dezembro de 1916. Os sobreviventes recolheram aos escaleres e foram alvejados pelo submarino, matando as granadas o capitão e o primeiro oficial.

6) O *Evestone*, vapor britânico. Afundado por submarino em 3 de fevereiro de 1917. O submarino dirigiu o seu fogo para os escaleres alcançando a ambos com três granadas de shrapnel. A terceira granada matou o capitão, o dispenseiro, o maquinista e dois marinheiros, ferindo gravemente o segundo oficial.

7) O *Addah*, vapor britânico. Afundado por submarino em 15 de junho de 1917. O submarino fez fogo ao escaler do capitão matando oito homens e quando o escaler se afundou e a tripulação nadava no mar o submarino alvejou-os com granadas de shrapnel.

8) O *Umaria*, vapor britânico. Afundado por submarino em 26 de maio de 1917. O submarino atirou para o escaler ferindo a todos os naufragos.

9) O *Vanland*, vapor sueco. Atacado por submarino em 23 de julho de 1917. Enquanto o escaler se dirigia para terra, o submarino não cessou de fazer fogo com a metralhadora, ficando ferido o segundo oficial.

10) O *Baltic*, vapor sueco. Afundado por submarino em 27 de junho de 1917. Durante uma hora os escaleres foram alvo de tiros depois de abandonar o navio.

11) O *Freden*, vapor dinamarquez. Afundado por submarino em 22 de maio de 1917. O escaler

ficou avariado e enquanto a tripulação se ocupava em repará-lo, foi alvo de tiros, ficando morto um francez e varios outros gravemente feridos.

12) O *Hestia*, vapor holandez. Afundado por submarino em 30 de março de 1917. Um dos escaleres foi atingido pelo submarino e afundou-se, morrendo seis holandezes e sete chinezes.

